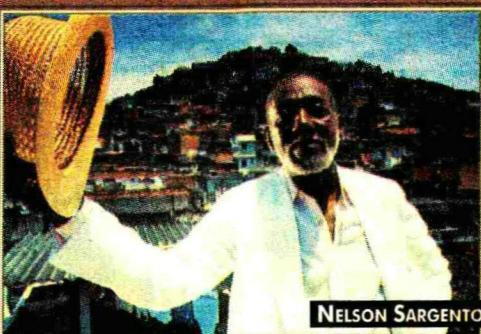


Curtas DO DIA

35mm

Posta Restante
de Janaína Diniz Guerra
Nelson Sargent
de Estevão Ciavatta



16mm

Antes do Fim
de René Sampaio
O Bom Vizinho
de Gabriela Cunha
Sem Saída
de Joana Mariz
Graffiti

de Rubens Toledo
O Grande Homem
de Rafael Rodrigues
Antártida, o Último
Continente
de Alberto Salvá e
Mônica Schmiedt

SÁBADO

O CINEASTA AURÉLIO MICHILES BUSCA O CINEMA VIRIL DO PIONEIRO SILVINO SANTOS

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Aurélio Michiles estreia no celulóide com um longa-metragem: *O Cineasta da Selva*. Faz, à sua maneira, peregrinação pelos escañinhos da desmemória brasileira, em busca de sobras de imagem que o lusitano Silvino Santos (1886-1970) imprimiu no nitrato. Imagens amazônicas. "De uma Amazônia" - pondera o

amazonense-paulista Michiles - "que respondia por 43% da economia brasileira no período áureo da borra-chá".

O Cineasta da Selva é um dos dois filmes 100% inéditos do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Não teve nenhuma sessão pública. O outro, na mesma situação, é *A Grande Noitada*, de Denoy de Oliveira.

Aurélio Michiles, tarimbado no vídeo (é autor de *Que Viva Glauher!*, documentário de 50 minutos e muitas qualidades), participa, pela primeira vez, do Festival. E o faz com um mix de documentário e ficção. Seu filme reconstitui a trajetória do autor de *No País das Amazonas*, produção de 1921, exibida na noite inau-

gural do Festival de Brasília, quatro anos atrás, no Teatro Nacional e com acompanhamento da Orquestra Sinfônica.

Mais difícil que arrumar recursos para alavancar a produção, foi localizar os fil-

brinha do milionário seringueiro Dom Julio Cesar Araña. No livro (inédito) *Memórias da Minha Vida*, Silvino escreveu: "Anita não quis ficar, me acompanhou em toda a expedição... Esses dois meses em lua-de-mel,

do festival no ano passado. Os filmes amazônicos de Silvino não foram censurados. Muito pelo contrário, eram disputados pelo público ávido por imagens exóticas.

Aurélio conta que "o longa *No País da Amazônia* levou 15 mil pessoas aos cinemas num único final de semana". E que "o filme ficou cinco semanas em cartaz, no Cine Palais, no Rio de Janeiro". Mesmo trabalhando a serviço do milionário Dom Júlio ou do produtor J.G. Araújo, Silvino viveu em clima de aventura. Empolgado com a Amazônia, nunca mediou esforços para registrar sua paisagem física e humana.

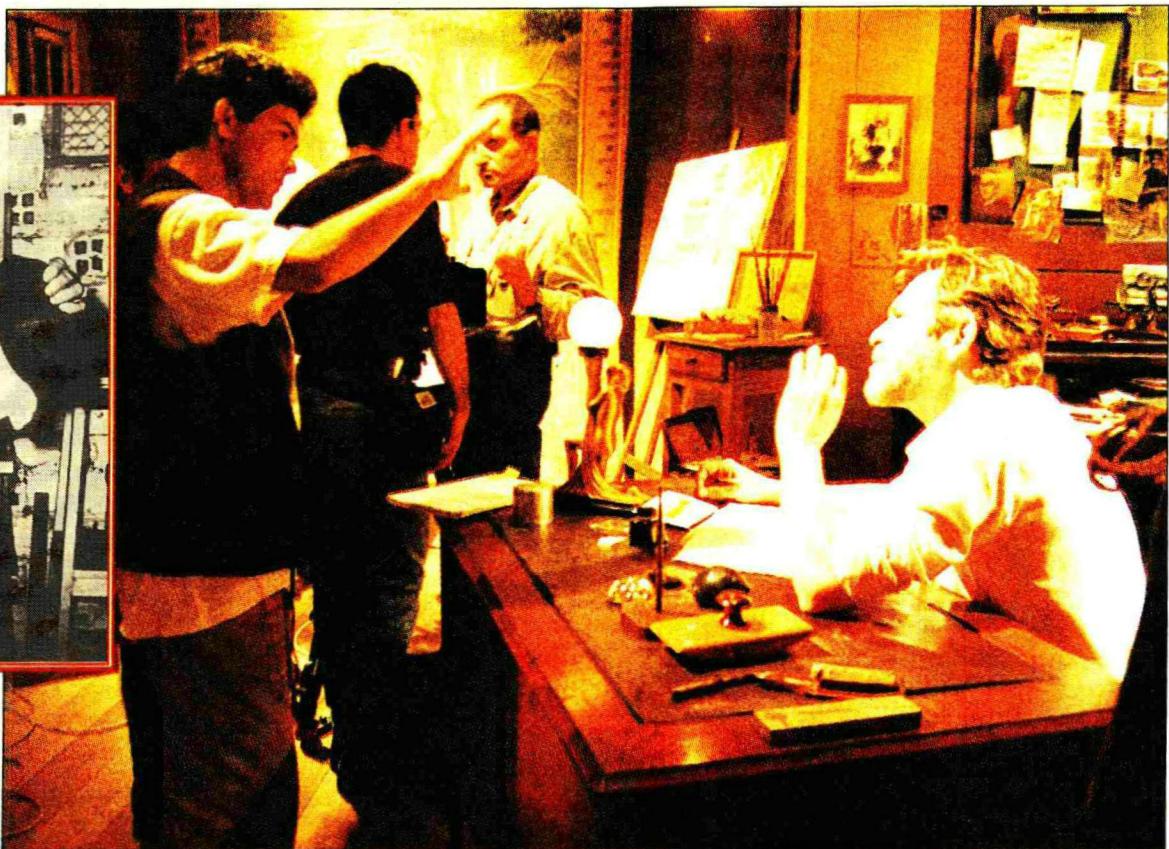
O personagem - A vida de Silvino Santos não reuniu os mesmos ingredientes de risco e coragem do mascate-libanês Benjamin Abraão, incorporado ao filme *O Baile Perfumando*, da dupla Ferreira & Caldas, vencedora

passados no meio dos índios, foram esplendorosos".

Chegou a montar, sob os exóticos troncos-raízes de uma frondosa árvore, o seu "estúdio". Silvino freqüentou os estúdios Pathé-Freres e os laboratórios dos Irmãos Lumière na década de 10. Além de cineasta, foi um grande fotógrafo. Para Aurélio Michiles, "o pioneiro Silvino Santos foi um homem viril, ousado, que registrou a Amazônia tendo, como ajudantes, índios e caboclos". Isto, num tempo em que a Amazônia era um paraíso desconhecido e (quase) impenetrável. Para melhor desenvolver seu ofício, Silvino Santos procurou ajuda da ciência. Buscou películas resistentes ao terrível calor tropical. A Amazônia do cineasta da selva era rica e quente. Muito quente.

Serviço

■ **O CINEASTA DA SELVA** (SP/Amazonas, 1997) - De Aurélio Michiles. Com José de Abreu e Denise Fraga (em participação especial). Em competição na noite de sábado, dia 29.



O Cineasta da Selva
é uma peregrinação
pela desmemória
brasileira